

# **ENTRE NÓS, QUEM CABE NA DANÇA? A BAILARINA GORDA OCUPA O ESPAÇO**

Renata Teixeira Ferreira da Silva<sup>1</sup> (Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS)

## **RESUMO**

Este texto narra a descoberta de uma bailarina, que ao se deparar com a representatividade e a militância gorda das redes sociais, se reconhece enquanto uma bailarina gorda. Assim, ela interrompe as tentativas de caber e ocupa seu espaço na dança. Para tanto, será contextualizado os atravessamentos que este corpo tem perpassado, em uma sociedade que se pauta em um estereótipo de magreza, e que estigmatiza e marginaliza os corpos gordos. O âmbito da dança não se afasta deste contexto e muitas vezes até reforça tais questões, reproduzindo em lentes de aumento as relações da sociedade. Portanto, através desta narrativa, pretende-se refletir a importância da representatividade das bailarinas gordas nas redes sociais, partindo da noção da filósofa Malu Jimezes, de autoetnografia dos estudos do corpo gordo. A experiência da aproximação da autora, com suas pares no ciberespaço, será evidenciada através de três principais referências: a bailarina Rafaela Machado, a pole dancer Drea Costa e a cantora e compositora Aila Menezes.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Dança, corpos gordos, bailarina, representatividade, militância gorda.

## **ABSTRACT**

This text narrates the discovery of a ballerina who, when faced with the representativeness and fat militancy on social networks, recognizes herself as a fat ballerina. Thus, she interrupts the attempts to fit the stereotype and she takes her space in the dance. Therefore, the experiences her body has gone through will be contextualized in a society which stigmatizes and marginalizes fat bodies, being guided

---

<sup>1</sup> Renata Teixeira Ferreira da Silva está Doutoranda em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com a orientação da Professora Doutora Silvia Patricia Fagundes. Mestre em Artes Cênicas pelo mesmo PPGAC-UFRGS e Licenciada em Teatro pela UFRGS. Bailarina da companhia de dança indiana Nrty, da cidade de Novo Hamburgo. Tem interesses de pesquisa em educação, teatro, dança, performance, militância gorda e desenvolve atualmente uma pesquisa sobre as mulheres gordas que dançam.

by a thinness stereotype. The dance field does not depart from this context, and it might even reinforce such issues, reproducing in detail the relations in the society. Therefore, the present narrative intends to emphasize the importance of fat ballerina's representativeness on social networks, starting from the Philosopher Malu Jimezes's notion of fat body studies autoetnography. The author's experience approaching her peers in cyberspace will be highlighted through three main references: the ballerina Rafaela Machado, the pole dancer Drea Costa and the singer-songwriter Aila Menezes.

### **KEY WORDS**

Dance, fat bodies, ballerina, representativeness, fat militancy.

Minha vida é encharcada e permeada de dança, nas minhas lembranças mais longínquas, lá estou eu, dançando. Aos 2 anos de idade, inicio com aulas de balé clássico em uma escola de dança na cidade de Porto Alegre e sigo, com alguns percalços no caminho, até finalizar minha formação nessa técnica, em 2008, aos vinte anos. Durante essa trajetória, também transito em outros nichos, integro o grupo de dança de rua Alpha Company nos anos de 2011 e 2012, a Cia de dança Macarenando Dance Concept de 2013 a 2016, ambas de Porto Alegre, e hoje sou bailarina da Cia Nrty, grupo de dança indiana, da cidade de Novo Hamburgo, dirigido por Amelize Mattos.

Essa vivência com a dança é atravessada por muita pressão estética e gordofobia. Entendo a pressão estética como uma insatisfação profunda com o corpo, que todas nós sofremos, mulheres gordas ou não, colocando os nossos corpos em relação a um padrão corporal inalcançável, predominantemente branco, jovem e magro. Essa opressão é experienciada principalmente por mulheres, pois segundo a jornalista e escritora feminista estadunidense Naomi Wolf, *O mito da beleza* (WOLF, 2019) é criado em forma de rituais para as mulheres alcançarem supostamente a sua redenção e sucesso, que se estabelecem através de três elementos: *a fome, o medo de um futuro caótico e o endividamento* (WOLF, 2019, p.189). Esses elementos alimentam a engrenagem do sistema de consumo capitalista, com a venda de produtos para emagrecimento, cosméticos rejuvenescedores, linhas dietéticas, aplicativos e programas de exercícios, que preveem o emagrecimento rápido. Desta maneira, a pressão estética age como mecanismo de controle sobre os corpos:

No entanto, a gordura na mulher é alvo de paixão pública, e as mulheres sentem culpa com relação à gordura, porque reconhecemos implicitamente que, sob o domínio do mito, nosso corpo não pertence a nós, mas à sociedade, que a magreza não é uma questão de estética pessoal e que a fome é uma concessão social exigida pela comunidade. Uma fixação cultural na magreza feminina, mas uma obsessão com a obediência feminina.” (WOLF, 2019, p. 272).

Já a gordofobia é o preconceito dirigido às pessoas gordas, que opera estigmatizando-as, marginalizando-as, culminando na perda de direitos essenciais e acessibilidades, tais como: saúde (tratamento desumanizado e com instrumentos do tamanho inadequado), transporte público (catracas e bancos pequenos), moda (roupas com numeração limitada e valores altos), entre outros acessos que limitam as possibilidades de existências desses corpos no mundo. A autora e ativista gorda, Virgie Tovar, ao narrar e refletir sobre sua vivência gorda, desde a infância até a fase adulta, em seu livro *Meu corpo, minhas medidas* (TOVAR, 2018), aponta que:

Por muito tempo, fiquei alheia ao fato de que o ódio que as outras pessoas sentiam de mim não era minha culpa, e de que todo aquele ódio tinha um nome: a gordofobia é uma ideologia intolerante que inferioriza pessoas gordas e as torna objeto de ódio e escárnio. Os alvos e bodes expiatórios da gordofobia são as pessoas gordas, mas ela acaba magoando todo mundo. Todos acabam em um dentre estes dois grupos: ou vivem a mordaz realidade do preconceito gordofóbico ou com medo de se tornarem alvo dele. Então, a gordofobia usa o tratamento de pessoas gordas como uma forma de controlar o tamanho do corpo de todas as outras pessoas. (TOVAR, 2018. p.16-17).

Desta forma, este preconceito atinge, em alguma medida, todas nós. É possível perceber a manutenção da gordofobia através da patologização do corpo gordo, que ocorre principalmente por meio do saber médico institucionalizado, o qual define o que é saudável ou não e que considera o Índice de Massa Corpórea (IMC) como fator determinante para a obesidade, ou seja, a forma desses corpos. Portanto, a gordofobia se apresenta para as mulheres gordas através do medo que foi investido em nossa sociedade, a aversão a engordar e a tudo que é associado à gordura, como doenças e mortalidade, corpos não desejáveis ou não dignos de serem amados e a culpa por não conseguir controlar o seu próprio corpo e assim a própria vida.

A história da representação dos corpos na sociedade vem sendo marcada nas últimas décadas pela crescente caracterização de *corpos generalistas* (Bittencourt, 2014, p.60), em que é difundida a ficção de que todos os corpos podem e devem ser iguais, discutida pela professora e pesquisadora da área de dança, Adriana Bittencourt Machado. Essa falsa homogeneização se dá na elaboração e divulgação de um padrão de corpo, o que subtrai da experiência do encontro dos corpos, a riqueza da pluralidade. Porém, sabemos que tal uniformização é inexistente, afinal, a noção de corpo não é

estranque e definitiva, pois o corpo é “provisório, mutável, mutante e suscetível a interferência do contexto inserido” (SILVA, GAUTÉRIO, 2014, p.23), reflexão essa desdobrada pelas pesquisadoras da área da educação física, Carla Rosa Mattos Gautério e Méri Rosane Santos da Silva, com um grupo de mulheres da cidade de Rio Grande, no estado do Rio Grande do Sul.

O âmbito da dança não se afasta deste contexto e muitas vezes até reforça tais questões, reproduzindo em lentes de aumento as relações da sociedade, pois é uma arte cênica em que os movimentos do corpo protagonizam o acontecimento, o que destina a atenção, das bailarinas e dos espectadores, a se voltar para o corpo. No balé clássico, por exemplo, o que podemos perceber são formas limitadas de corpos, destacando-se corpos esguios e leves de mulheres, e magros e fortes de homens.

O balé tem sua origem nas cortes italianas no século XV, porém foi na França, na corte do rei Luís XIV, que ele foi codificado e regulamentado como uma dança social, o que propiciou ao balé ser amplamente difundido. Com o movimento do Romantismo, podemos perceber o balé na busca por uma dança que podemos verificar até os dias de hoje: virtuosa, etérea, que através da repetição e do fortalecimento muscular, busca a leveza e a perfeição dos movimentos. Essa herança monárquica do ballet clássico permeia o ensino dessa dança no Brasil. As alunas, por volta dos seis anos de idade, são introduzidas em classes de balé, e passam a experimentar personagens de princesas e a conhecer uma estrutura sólida de exercícios físicos. A rotina de exercícios objetiva corpos capazes de “voarem” pelo palco em sapatilhas de pontas e de comporem um corpo de baile homogêneo, ou seja, para além do esforço do trabalho da técnica, ainda é valorizada uma forma específica de corpo, com medidas ideais, reservando lugar de destaque somente para a solista da Escola ou Companhia.

Na condição de uma criança gorda, logo entendo que deveria me esforçar mais que as outras crianças nas atividades do balé, para ter visibilidade, para não dançar no fundo do palco e para o figurino “ficar bonito”, como dito pelas professoras. A pesquisadora e bailarina Jussara Belchior Santos em seu texto conta que “precisava emagrecer, para fazer o que já fazia” (SILVA, 2020, p.60), e eu me sinto desta forma, na busca por emagrecer para caber naquela dança.

A filósofa e ativista gorda, Malu Jimenez, parte de uma metodologia autoetnográfica em seu livro *Lute como uma gorda* (2020), refletindo os atravessamentos que um corpo gordo vivencia ao longo de sua vida. A autoetnografia considera as vivências gordas e histórias de vida da própria autora, o que colabora para

a escrita deste texto, pensando que uma experiência particular pode conectar-se com a existência do outro, desta maneira “engordando” o estudo: “Ser uma criança gorda é começar bem cedo a entender e aprender o que acontece socialmente quando seu corpo não está em conformidade com a decisão social do que é ser saudável e bela”. (JIMENEZ, 2020, p.54). Perseguir um corpo idealizado magro, gera-me, durante muito tempo, uma sensação de não pertencimento e de corpo em trânsito, em que a felicidade, e tudo que ela poderia abarcar, estaria me esperando quando eu emagrecesse.

É comum nessa trajetória de escola de dança identificar que, as bailarinas que ganham destaque no espetáculo anual, são magras, longilíneas e no decorrer dos anos, as bailarinas gordas ou não magras, desistem de dançar ou migram para outras turmas, como as turmas de dança de rua e de jazz, ou até mesmo emagrecem, como eu, para continuar na turma de ballet clássico.

Questionamos aqui um índice considerável de negação de corpos que não são atléticos, alongados e longilíneos em grandes companhias de dança e em determinados trabalhos – incluindo os televisivos - relacionada ao corpo feminino. Qualidades como alongamento não são sinônimo de boa técnica: há outras valências envolvidas no trabalho técnico-expressivo de um intérprete-criador. (SERPA, 2016, p.4076-4077).

Portanto, para me manter dançando, na adolescência eu já estava emagrecida, ou seja, tinha uma ideia de controlar a forma do meu corpo, através de diversas dietas restritivas, exercícios extasiantes e até remédios. Como uma aluna esforçada, que acreditava não ter muitas habilidades consideradas essenciais, como um bom alongamento, ideia contraposta acima, pela bailarina Tamires Serpa, portanto, realizo tentativas de alcançar a imagem da bailarina perfeita: alongada, magra e virtuosa. Além do emagrecimento, isto ocorre através de muitas aulas de dança diariamente, o que ocasiona em uma forte lesão na panturrilha, aos quatorze anos, prejudicando, até os dias de hoje, diversos movimentos com o pé direito. Tais abordagens, são incentivadas e até exigidas por diferentes professoras de dança, que tive contato durante a minha trajetória. Além disso,

A produção de estereótipos na dança se alarga na mesma proporção em que limita a possibilidade da diferença, quando ignora a relação entre os corpos e o tipo de dança que fazem. As imagens estereotipadas fabricam sistemas coesos de referência, já que se sustentam pela ocupação da realidade, da camuflagem dos aspectos das existências como forma de conduzir o fluxo gerativo das imagens do corpo, na tentativa de transformá-lo em um jogo de escolhas: de aprovação e negação. (BITTENCOURT, 2014, p. 60-61).

A primeira vez em que fui testemunha de uma situação de violência explícita contra um corpo fora do padrão<sup>2</sup>, foi em uma aula de balé clássico. Uma colega, que tinha em torno de dezesseis anos, é chamada para o centro da sala. A professora solicita que a aluna realize um *arabesque*, movimento da dança clássica, que consiste em se manter em uma só perna como base, enquanto a outra sobe esticada para trás. É natural que, nesse deslocamento e aproximação do quadril com a coluna, o corpo realize dobras, porém, neste episódio de sala de aula, a professora vai até a aluna e belisca a dobra da bailarina. Após, a professora profere um discurso violento para o restante da turma, verbalizando a ideia de que as bailarinas gordas ou as bailarinas que não correspondem àquele padrão magérrimo, não são capazes de subirem a perna, isto é, são fracas, pesadas, limitadas e sem flexibilidade. No mesmo dia desse episódio, em que tenho 15 anos, tomo a decisão de me afastar do balé clássico e isso ocorre por alguns anos.

Em um estudo realizado pelas pesquisadoras e educadoras físicas Aline Hass, Anelise Dias e Juliana Bertolletti sobre a imagem corporal das bailarinas profissionais, elas constatam que:

[...] a busca da imagem corporal ideal em bailarinas vai além dos parâmetros da população em geral, e na medida em que elas se tornam profissionais, a necessidade de manter o peso adequado vai aumentando. (HAAS, GARCIA, BERTOLETTI, p.183).

A dança clássica enraíza em seus afetos e práticas a valorização da estética da magreza, das formas retas e linhas corporais, se configurando, muitas vezes, de maneira severamente gordofóbica, dificultando ou excluindo o acesso a outros corpos, que não os magros ou os fortes, no caso dos corpos dos homens. Este dado é verificado em estudos, como o citado acima, em vivências próprias e em relatos divulgados por colegas bailarinas. A dança contemporânea não se distancia deste contexto, pois o que podemos observar de forma majoritária, são corpos magros e musculosos, pois nessa técnica a virtuosidade não está calcada necessariamente na leveza, mas sim no corpo acrobático, elástico e resistente.

E foi na fase adulta, após minha graduação em teatro e mestrado em artes cênicas, que me aproximo da militância gorda nas redes sociais, e começo a perceber a potência de corpos não magros ou gordos. Parto a seguir perfis em redes sociais e passo

---

<sup>2</sup> Utilizo a expressão “fora do padrão”, pois apesar da memória me remeter a uma bailarina gorda, não posso afirmar, pois a construção das noções de magra, não-magra e gorda, utilizadas pela militância gorda, são novas para mim. E, percebo que, meu olhar, naquele momento, estava bastante limitado, baseado na dicotomia: todos os corpos que não são severamente magros, são gordos.

a ver mulheres com esses corpos divergentes, que se distanciam do dito padrão corporal, realizando variadas atividades, exercícios físicos, dançando e produzindo muito movimento.

*A internet* como meio principal de comunicação do ativismo gordo traz consigo possibilidades de ativismo diferentes das que tradicionalmente se desenvolveram na história dos movimentos sociais como greves, ocupações, passeatas, entre outros. As *hashtags*, os canais no Youtube, os *stories* no *Instagram* trazem uma nova linguagem aos movimentos sociais, parte crucial na história e organização do ativismo gordo no Brasil. (RANGEL, 2018, p. 96).

Assim, vendo mulheres gordas dançando, principalmente na rede social *Instagram*, que entendo que posso interromper as tentativas de caber e ocupar o meu espaço na dança. A aproximação com imagens de corpos reais contribui para que eu desconstrua a repulsa à gordura, o que acaba me aproximando de formas mais gentis de entender o meu corpo, seus processos, desejos, vontades, pensamentos, motivações. Começo a enxergar saúde, cuidado e beleza descolados desse padrão de beleza magro. Por isso, a representatividade tem um papel fundamental no reconhecimento e reapropriação do meu corpo gordo, e na criação de espaço para outras possibilidades, insurgências e afetividade.

Falar de afetividade de um modo global é falar do cultivo da autoestima em sua completude, não isolando sua aceitação estética como central, mas considerando-a em conjunto como um movimento no sentido de aprender a amar-se de fato para poder distribuir esse amor de maneira fluida, inspirando e influenciando aqueles cuja sensibilidade está adormecida pelas técnicas entorpecentes de desestruturação pessoal e coletiva de um sistema opressor. (BERTH, 2020, p.143-144).

Aos poucos, me associo a algumas mulheres, e dessa forma, desperto gradativamente e passo a vislumbrar outras perspectivas e potências corporais. É no movimento de olhar para fora, que consigo olhar para dentro. É no encontro com a imagem dos corpos de mulheres gordas, que posso finalmente fazer as pazes com o meu corpo. É na celebração dessas mulheres que dançam, que começo a esboçar o meu corpo gordo dançante no mundo.

Em virtude desse percurso, ingresso no ano de 2021 no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com o projeto de pesquisa *Gordança: uma celebração das mulheres gordas que dançam*. Este projeto tem por objetivo geral celebrar as mulheres gordas que dançam, evidenciando suas potências e protagonismos, celebração que será concretizada através dos seguintes objetivos específicos: conceituar e refletir acerca das noções *corpos gordos*, *corpos divergentes*, *dança e padrão corporal*, *invisibilidade e hipervisibilidade do corpo*

*gordo, pressão estética, gordofobia, patologização do corpo gordo, feminismo gordo, ativismo e militância gorda.* Identificar mulheres gordas que dançam no Brasil, com vistas a evidenciar a importância da representatividade do corpo gordo na área da dança. Desenvolver uma “metodologia engordurada” para expressar uma dança feita por, para e sobre mulheres gordas. Há um movimento, ao qual essa pesquisa se alia, que se apropria de palavras associadas à forma corporal gorda e as utiliza positivando seu significado. Como exemplo o *podcast* Imensa, em que Rodrigo Gomes, Eduarda Garcia, Guilherme Cardoso e Jaqueline Sant’ana debatem diversos assuntos a partir de suas vivências imensas. Ou a criadora de conteúdo digital Ellen Valias, que através de seu perfil no *instagram* Atleta de Peso (@atleta\_de\_peso) divulga atletas gordas e gordos e remixa vídeos fazendo atividades realizadas por pessoas magras e difunde o jargão: “o corpo gordo sempre foi capaz”.

Para este texto destaco três bailarinas, que têm importante papel na militância gorda, com grande visibilidade e atividade nas redes sociais e que produzem conteúdos que assim como o *podcast* Imensa e o perfil Atleta de peso, propõem desconstruir o estigma do corpo gordo. As imagens que, de maneira massificada são difundidas nas mídias, imagens desses corpos gordos como feios, preguiçosos, doentes, incapazes e descontrolados, são trazidas por elas de forma autoral, em suas práticas artísticas como sensuais, belos e potentes.

Realizo um caminho que se inaugura com a bailarina mais próxima de mim, até a mais distante, considerando afetivamente e geograficamente também. São elas: Rafaela Machado (POA/RS), Drea Costa (RJ/RJ) e Aila Menezes (SSA/BA).



Figura 1 - Rafaela Machado. Acervo pessoal da bailarina.

Rafaela Machado (@curvas.em.danca) é professora de ballet clássico e jazz lírico e atua em diversos espaços de dança em Porto Alegre. A conheci em uma roda de conversa sobre corpos gordos na dança, o que foi um marco, uma virada importante, em que me reconheço como uma bailarina gorda, como quem faz parte de uma rede, um coletivo de pessoas que estão refletindo sobre esses corpos dançantes.

Em novembro de 2019, fui convidada, juntamente com a Rafaela e outros artistas gordos da cidade de Porto Alegre, para o evento *Conversas Macarenado – Gordofobia na Dança*, pela Cia de dança Macarenando Dance Concept<sup>3</sup>, dirigida por Diego Mac. O encontro contribuiu para articular melhor várias questões sobre dança e corpo gordo, as quais eu já estava tentando entender, além de me conectar com esse saber coletivo, ou como diz a pesquisadora ativista gorda Malu Jimenez, me unir a *gordosfera* e pensar essas relações a partir de uma vivência gorda.

Rafa discute em seu perfil do *Instagram* assuntos como violência contra a mulher, padrão corporal, relacionamentos na era dos aplicativos, exercício físico e saúde mental, alimentação e restrição alimentar, fotografia artística, feminismos, dança e atividade profissional, preparação física para a dança, entre outras abordagens. É um perfil de uma mulher jovem, que conversa diretamente com outras mulheres jovens e de

---

<sup>3</sup> Macarenando Dance Concept é “uma iniciativa cultural que investe na mistura da dança, do humor e da cultura pop para criação de conteúdos e projetos.” (site MACARENANDO).

todas as idades. Os assuntos são diversos, porque somos diversas. Os desabafos e reflexões são como mãos estendidas prontas para pegarem nas nossas e seguirmos juntas nessas lutas.

Dança é processo, caminho sem volta, sem freio ou reverso, é ida longínqua pra tudo que transcende, transborda, infinda. Foi meta, mas já não precisa mais ser, foi forma, mas já não formaliza nada. Preenche, espaço, vazio, re(C)into que não comporta re(SS)entimento. E se não couber, a gente encaixa, se for muito dolorido, a gente muda, troca, adapta... Qual é a dança que te cabe? (MACHADO, 2021).

Em seu canal do *YouTube* *Curvas em Dança*, Rafaela entrevista semanalmente bailarinas e artistas da cena brasileiras que vêm pautando em suas pesquisas e práticas artísticas a despadronização do corpo nesses espaços. Em 2021 participei do canal com um bate-papo “Conversa fora da Curva”, no estilo “ping-pong”, uma pergunta para cada responder. Na entrevista apareceram as seguintes questões: “Como tu reconheceu teu corpo como um corpo despadronizado para a dança?”; “Tu te consideras uma ativista? E qual o papel do ativismo gordo na tua vida?”; “Quais as principais barreiras e obstáculos que tu encontrou no âmbito da dança que te impediram de ser quem tu és ou de exercer a tua profissão?”; “Os espaços de formação em dança abordam o corpo de maneira diversa ou é só um discurso bonito?”; “Como funciona o teu processo de criação coreográfica?”; entre outras temáticas que foram se desencadeando na conversa.



Figura 2 - Drea Costa. Acervo pessoal da bailarina.

Andréa Costa (@dreacosta) é pole dancer e instrutora de pole dance e ativista gorda no Rio de Janeiro. Nosso primeiro contato foi em um evento chamado *Corpotências: grupo de estudos de Diversidades corporais* (UFRGS), em 2020. Após, participamos do curso *Insurgências Gordas*, coordenado por Malu Jimenez e a jornalista e ativista gorda Jessica Balbino, e ao longo de 11 dias corridos debatemos temáticas que atravessam nossos corpos gordos. A reunião neste evento foi tão arrebatadora que criou laços fortalecidos, que culminaram no grupo de estudos do corpo gorde chamado *Ciclo Mexerica*. O grupo tem a curadoria realizada pela comunicóloga Luiza Gusmão, pela cientista social Karen Florindo e pela bacharela em direito Gabriela Lacerda. Dréa e eu compomos o grupo como colaboradoras e nos reunimos uma vez por mês para a discussão de textos e pautas da militância e afetividade gorda.

Em sua *timeline* no *Instagram*, desenvolve seu trabalho através de vídeos curtos (*Reels*) e fotos próprias dançando no pole, que comumente agregam reflexões acerca do corpo gordo, dança, pole dance, movimento. Esses vídeos são gravados dançando no pole, com pouca roupa, de forma sensual e bem-humorada, como na frase de seu perfil: “Sim, o pole me aguenta.”, além de realizar desafios de dança, inspirando outras mulheres a se expressarem corporalmente. Esses desafios são postados com alguma sequência coreográfica rápida para serem copiadas e remixadas na plataforma, por suas seguidoras. Para além do engajamento em sua conta virtual, esse tipo de ação estimula a

outras mulheres se colocarem em movimento, de forma sensual, positiva e empoderada. A noção de que todo corpo pode dançar é reforçada de diferentes maneiras, como a escrita abaixo:

Euzinha com meu corpo de pole dancer! Confesso que to cansada de ver alguns posts e/ou comentários (não só nas redes sociais) falando coisas tipo “isso que é braço de pole dancer” e por aí vai. É claro que em todos os casos são corpos magros e com músculos definidos. Então só queria lembrar a todes que corpo de pole dancer é o corpo que a pessoa tem. Todos os corpos, quaisquer corpos. Independente do tamanho, peso, formato, idade, cor, se tem ou não deficiência. Todos são corpos aptos e capazes de fazer pole ou qualquer outra atividade que se tenha vontade. Pra finalizar: UM CORPO É UM CORPO NÉ? Sim, um corpo é um corpo e apenas isso. Cada um é de um jeito. Não significa que seja superior a outro. (COSTA, 2020).



*Figura 3 - Aila Menezes. Acervo pessoal da bailarina*

E fechando a tríade, Aila Menezes (@ailamenezes) que é cantora, bailarina e tudo que arte possibilitar, da cidade de Salvador. Cria muito conteúdo digital dançando, principalmente mexendo os quadris e com músicas de axé, as quais me identifico muito, já que vivi uma infância nos anos noventa, e que, como muitas meninas, sonhava em ser uma bailarina de axé, porém naquele momento, somente bailarinas magras eram

divulgadas na grande mídia, como Carla Perez e Débora Brasil. Então, através dos vídeos de Aila, me reconecto com a Renata, criança gorda de oito anos e me permito a sonhar essa dança.

Hoje, com mais de cento e sessenta mil seguidores, Aila, além de postar diversas fotos e trechos de shows, milita através de suas letras de música, como *fat gorda*, a importância da desconstrução da noção de gorda ser sinônimo de feiura. Em suas postagens reflete sobre o poder das mulheres, o poder dos corpos gordos e a importância da representatividade da mulher gorda, expondo esse corpo por inteiro, como ela mesma faz em diversos vídeos, dançando com a barriga de fora, barriga essa que mexe e remexe, balança e vibra.

Essa música é uma composição minha! Fat gata (Gata gorda)  
A letra JÁ DIZ TUDO! Não preciso dizer mais nada!!  
SOU FAT GATA! ACEITE, EU SOU MULHER FATAL

Tá por fora a ditadura da magreza. Sou gostosa, gorda, sou plus size. Você acha que anda junto com a beleza. Mas meu espelho diz que eu sou demais. Não sei se alguém te disse... Que eu sou mais eu e quero paz! Saia dessa de falar tanta besteira. Pra me ofender em rede social. Sou mulher de essência brasileira Fat gata eu sou sensacional. Não sei se alguém te disse... Aceite, eu sou mulher fatal! Ôooo sou fat gata... Aceite, eu sou mulher fatal!

(MENEZES, 2019).

Portanto, na aliança com essas três artistas gordas que dançam e outras referências, pretendo desenvolver a Gordança, uma pedagogia engordurada, engordurante, para expressar uma dança feita por, para e sobre mulheres gordas. O verbo engordurar sintetiza a intenção de destabilizar, denunciar e metamorfosear as estruturas que determinam a gordura como inferior, nojenta e incapacitante. O corpo gordo como protagonista do movimento, uma prática de dança que possibilite a potência das curvas, dobras, balanços e remexos. A bailarina gorda OCUPA o espaço. Entre nós, quem cabe na tua dança?

## REFERÊNCIAS CITADAS

BITTENCOURT, A. Imagens da mídia, imagens do corpo, imagens da dança: tensões na pluralidade da cena contemporânea. **Dança**, Salvador, v.3, n. 2, p.59-68, jul./dez. 2014.

BERTH, J. **Empoderamento**. 3 ed. São Paulo: Jandaíra, 2020. 176 p.

COSTA, D. **Euzinha com meu corpo de pole dancer!** Rio de Janeiro. 4 de outubro de 2020. Instagram: @dreacosta. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CF7d0haBdFt/>. Acesso em: 28 jul. 2021.

HAAS, A. N.; GARCIA, Anelise Cristina Dias; BERTOLETTI, Juliana. Imagem Corporal e Bailarinas profissionais. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo, v. 16, n. 3, p.182-185, mai./jun. 2010.

GAUTÉRIO, C. R. M., SILVA, M. R. S. As diferentes vozes das mulheres do grupo Colméia: o corpo gordo feminino. **Revista Didática Sistêmica**, Rio Grande, v. 16, n. 1, p.21-33, 2014.

JIMENEZ, M. L. J. **Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos**. 2020, 224 p. Tese (Doutorado em Estudos de Cultura Contemporânea) – Faculdade de Comunicação e Artes, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2020.

MACARENANDO – Macarenando Dance Concept. Disponível em: <http://www.macarenando.com.br/site/>. Acesso em 23 jul. 2021.

MACHADO, R. **Qual é a dança que te cabe?** Porto Alegre. 16 de junho de 2021. Instagram: @curvas.em.danca. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CQMD9tFhcaS/>. Acesso em 28 jul. 2021.

MACHADO, R. **Conversa fora da curva**. Porto Alegre, 5 de agosto de 2021. YouTube: Curvas em Dança. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WoIvkp7Ojz8>. Acesso em 15 ago. 2021.

MENEZES, A. **Essa música é uma composição minha! Fat gata (Gata gorda)**. Salvador. 13 de outubro de 2019. Instagram: @ailamenezes. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B3p7xdIggIh/>. Acesso em: 28 jul. 2021.

RANGEL, N. F. A. **O ativismo gordo em ação: política, identidade e construção de significado**. 2018, p. 181. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

SANTOS, J. B. FRONZONI, T. M. et e tal. (orgs). Quem é gorda? *In: Anais: IX Seminário em Artes Cênicas: produção de conhecimento e relações de poder: e a arte com isso?* Florianópolis, p.57-62, abr., 2020.

SERPA, T. V. Todo corpo pode dançar? Padrões corporais do ballet clássico que se estendem à dança contemporânea. *In: Anais: IX Congresso da ABRACE: poéticas e estéticas de coloniais- artes cênicas em campo expandido*. Uberlândia, p.4072-4091, nov. 2016.

TOVAR, V. **Meu corpo, minhas medidas**. Tradução: Mabi Cosa. São Paulo: Primavera Editorial, 2018.

WOLF, N. **O mito da beleza**. Tradução Waldéa Barcellos, 6ª edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2019.

